

O Evangelho e Nós

Posicionamento do Corpo Docente da
Faculdade de Teologia da IECLB

Preâmbulo

Em outubro de 1977 um grupo de estudantes abandonou seus estudos na Faculdade de Teologia, manifestando sua vontade de, fora dela, dar melhor expressão à sua vivência cristã e a seu fazer teológico. O Corpo Docente sentiu a necessidade de um posicionamento comum. Desde então houve uma série de reuniões. A princípio, trocamos idéias e opiniões pessoais. A seguir, alguns professores se encarregaram de redigir posicionamentos próprios. Passou-se, então, à composição de grupos com temáticas selecionadas. Finalmente, chegou-se à redação final, aprovada em 20 de junho de 1978.

Pelo caráter abrangente da perspectiva e dos assuntos, há neste posicionamento uma pluralidade de opiniões teológicas. Tentamos dizer em comum uma palavra, a que não faltasse unidade, mas que tampouco nivelasse ênfases diversas, que são colocadas em sua convicção e em seu trabalho pelos professores da Faculdade de Teologia.

É evidente que não esgotamos a amplitude e a profundidade de nosso fazer teológico. Não pretendemos dar uma palavra a tudo quanto é relevante. Nosso posicionamento teve origem na reflexão daquelas perguntas que hoje são mais agudamente levantadas na IECLB e na própria Faculdade de Teologia. Tentamos colocar tais perguntas e a reflexão por elas desencadeadas num contexto mais amplo de teologia, igreja, país e mundo. Sabemos, portanto, pela própria natureza desse intento, que se trata de um trabalho de caráter incompleto e provisório. Renunciamos, por isso mesmo, a uma conclusão, deixando a marca de questão aberta.

Assim, tivemos por finalidade a busca de uma expressão comum de nosso crer e viver, trabalhar e estudar. Para tanto, solicitamos a ajuda e a crítica fraternas de todos os membros da IECLB, bem como de demais irmãos e amigos. Todo e qualquer eco e reação às nossas colocações poderá contribuir para esclarecer melhor e nosso caminho como cristãos evangélicos de confissão luterana e professores na Faculdade de Teologia da IECLB.

1. A História de Deus com os Homens

A história dos seres humanos é também a história de Deus com eles. Confessamos que ela não se desenrola ao acaso, mas tem origem na boa criação e alvo no novo céu e na nova terra. (Gn 1,31; II Pe 3,13). A realidade do pecado, que é a ruptura com Deus e entre os homens, afeta as relações individuais, mas também se manifesta em múltiplas formas de estruturas injustas e opressoras. Em meio a essa realidade e como participantes dela, defrontamo-nos com a dádiva e o desafio do Evangelho de Jesus Cristo, amor e justiça de Deus (I Co 1,30; I Jo 4,9).

Em Jesus divisamos a solidariedade incondicional com os pecadores, necessitados e oprimidos. Em sua cruz recebemos a dádiva irrestrita da vida em plenitude, caracterizada tanto pela reconciliação quanto pela superação do mal. O ressurreto nos conclama ao discipulado integral: louvor a Deus, comunhão fraterna, proclamação da boa nova de salvação, estabelecimento de sinais de amor e justiça. Participamos assim na busca da humanidade por libertação pessoal e social, que abrange subsistência física e manifestação intelectual, comunhão de fé e organização política.

Embora a libertação em Cristo, em todas as suas dimensões, perfaça uma unidade, sua dinâmica dentro do desenrolar do processo histórico é sujeita aos condicionamentos pessoais, culturais, sociais, políticos e econômicos das situações concretas. Dentro delas, a prática do único Evangelho requer ênfases variáveis e opções concretas para se manter a fidelidade ao sonhório de Jesus Cristo. Importa, portanto, um contínuo processo de reflexão a partir da práxis e à luz da palavra de Deus, em fé, esperança e amor, para caminharmos permanentemente do velho ser ao novo ser humano (Rm 6,3-9; Ef 2, 14), da terra dividida ao mundo compartilhado. Jesus Cristo crucificado é o ressurreto, e portanto o poder de Deus nesse caminhar (Rm 1,16; I Co 1,23s).

Tudo quanto o ser humano, a partir de Cristo, realizar em favor de vida verdadeira e plena será expressão da presença do Espírito Criador. Essa presença já agora do novo leva o cristão a aguardar o dia em que o Senhor, pela manifestação plena do seu Reino, impedirá todo fracasso e suprimirá definitivamente todo sofrimento. Aí serão "enxugadas todas as lágrimas" (Is 25,8; Ap 7,17). Assim, a ação divina ultrapassa toda realização humana e esperamos pelo dia em que "estaremos para sempre com o Senhor" (I Ts 4,17).

2. A Igreja Questionada

Nos últimos anos a IECLB tem-se perguntado por sua identidade e missão, a partir da palavra libertadora de Jesus Cristo e como igreja no

contexto brasileiro. Têm sido levantados também sérios questionamentos à sua prática comunitária e eclesial. Particularmente, têm sido abordadas as questões das estruturas eclesiais, do fazer teológico e do nível de vida em face da realidade da pobreza e da deficiente espiritualidade.

2.1 As estruturas eclesiais

O anúncio do amor de Deus convoca seres humanos à fé e os reúne em comunidades. Estas, em sua vivência local e na relação fraterna entre si, são pelo Evangelho e pela fé que as une, a Igreja de Jesus Cristo (I Co 1,2). São congregadas para o louvor a Deus, o anúncio de sua palavra e o amor à humanidade (At 2,42-47). Onde a boa nova é proclamada, a fé, que o aceita, cria formas e estruturas de responder em confissão, comunhão e ação. São, embora precárias, instrumentos da boa vontade de Deus, facilitando uma vida humana. Assim, Evangelho e estruturas não se excluem mutuamente, mas estas são uma decorrência da fé, que em comunhão responde ao Evangelho.

Mesmo assim, muitas críticas são hoje dirigidas à igreja. Frequentemente não se referem à fé cristã, mas à instituição e às estruturas da igreja. Cabe observar, nesse contexto, que a igreja não deve depender de estruturas, mas da palavra libertadora de Deus. Não são as estruturas da igreja que criam fé, comunhão e serviço. Ao contrário, fé, comunhão e serviço, oriundos da palavra de Deus, são permanentemente criativos também em relação às estruturas. A própria igreja não tem um fim em si, mas é permanentemente peregrina e está a serviço do Reino de Deus (I Pe 2,11; 4,10).

De outra parte, nem todas as críticas à igreja como instituição são válidas, pois também podem provir de uma falsa compreensão da fé. O único critério para avaliar e criticar as formas e estruturas da igreja como instituição não é a tradição que elas possuem, nem o grau de novidade que elas têm, mas sua capacidade de expressar de forma atual a fé e a vivência de comunhão e serviço despertadas pela palavra libertadora de Deus. Isso significa, conseqüentemente, que onde as estruturas obstruem a confissão, comunhão de serviço e missão nascidas da palavra de Deus, elas precisam ser criticadas, revisadas ou mesmo substituídas. Onde, contudo, elas são instrumentos que as transmitem, apoiam e protegem, precisam ser mantidas e valorizadas.

2.2 O fazer teológico

O fazer teológico é a reflexão crítica a respeito da fé e da vivência cristã, a partir das situações existenciais e sociais, sob o critério da palavra libertadora de Deus. Tal reflexão teológica cabe à comunidade cristã e

dentro dela a todos os crentes, não podendo ser delegada ao grupo particular de pastores e teólogos, nem a instituições teológicas. Estes podem, mediante sua disponibilidade de tempo, recursos científicos e meios de comunicação, efetuar a reflexão teológica com maior intensidade. Não podem, porém, se apoderar da tarefa teológica, que também entre eles deve ser exercida a partir da comunidade cristã e para ela.

A igreja, de sua parte, não vive da teologia, mas do Evangelho de Jesus Cristo. Contudo, ela necessita da reflexão crítica de sua proclamação e vivência, o que é proporcionado quando em seu meio a reflexão teológica pode se desenvolver em liberdade.

Nessa interação a igreja vive e a teologia se exerce inserida concretamente no presente, em meio à realidade atual, diante dos desafios e das perguntas que a humanidade coloca agora e aqui. Elas compartilham dos anseios e das necessidades de todos os homens. Assim, a teologia jamais poderá simplesmente reproduzir respostas dadas no passado e em outro contexto, mesmo quando legítimas em sua época e em seu lugar. Ela está sujeita aos condicionamentos históricos e acompanha o seu processo, devendo ser permanentemente criativa.

Nessa tarefa, a teologia dá expressão da esperança arraigada em Jesus Cristo, a quem confessa com a comunidade cristã como revelação de Deus acontecida na história (Jo 1,14). Sua dinâmica também não cessa de se desenrolar na história de nossos tempos. Essa revelação a temos testemunhada na Escritura, com a qual, portanto, toda e qualquer situação é confrontada. É através de seu testemunho de Jesus Cristo que a palavra de Deus nos desafia, nos transforma e nos impulsiona a superarmos as situações pecaminosas, alienantes e opressoras. A reflexão teológica não é proprietária do testemunho bíblico, mas ausculta sempre de novo, através do método histórico-crítico e outros meios, o seu conteúdo vital. Qualquer método, porém, deve ser avaliado quanto à medida em que promove um ouvir renovado da palavra de Deus no evento Jesus Cristo.

2.3 Fé e vivência

As necessidades humanas, tanto individuais quanto coletivas, são múltiplas e a comunidade cristã é devedora de atenção, auxílio, conforto e resposta a todas elas. Mais ainda: a comunidade que confessa em Jesus Cristo a encarnação de Deus na vida e na história dos homens, deve ser solidária e participante nas próprias perguntas e angústias dos seres humanos, do povo e da humanidade.

Um dos males mais prementes do mundo de hoje é a pobreza, a falta do necessário para uma vida humana digna. A comunidade cristã que confessa a criação de Deus como boa (I Tm 4,4) e, portanto, capaz

de proporcionar vida digna para todos os seres humanos, não pode se conformar com o desnível entre pobreza e riqueza. Enxerga nessa divisão injusta um dos reflexos do pecado humano, que permeia até mesmo sistemas de vida, bem como estruturas sociais e políticas.

Nesse sentido, muitas críticas que se dirigem à igreja hoje, não se referem à fé cristã, mas à falta de renúncia solidária com que essa fé é vivida pela igreja e pelos cristãos, que muitas vezes são beneficiários da situação de nobreza de massas humanas. Assim, tem sido levantado o chamamento a uma vida simples, em solidariedade com o pobre e em protesto contra a pobreza. Tal chamamento não é evangélico se a opção pela pobreza é entendida como obra dos cristãos, através da qual estes se tornam aceitáveis a Deus. Tampouco é válido se deseja nivelar todos os cristãos a um certo modelo de vivência cristã.

Contudo, o Evangelho, evocando a solidariedade com o fraco, tem levado cristãos a assumir concretamente as formas de vida e os sofrimentos dos pobres ou a colocar o labor de reflexão e pesquisa teológica no contexto das necessidades humanas e a serviço de sua superação. De qualquer modo, dentro da variedade possível de opções, considerando os problemas angustiantes da humanidade e a realidade da pobreza e da marginalização, faz-se necessário para os cristãos um novo estilo de vida que não se oriente por padrões de conforto e bem-estar, mas pelas necessidades objetivas de vida digna para todos os seres humanos.

O único critério para o assumir e o transformar de um estilo de vida concreto é o da liberdade cristã e do serviço aos seres humanos. Isto é: a opção do cristão deve ocorrer naquele espaço que há entre a liberdade que o Evangelho lhe dá, e o servir para o qual ele o convoca. A liberdade cristã se exercita precisamente no amor (I Co 9,19; Gl 5,13).

Também no âmbito das nossas comunidades a IECLB se defronta com questionamentos. Uma ampla faixa de seus membros está vinculada a ela, preponderante ou mesmo exclusivamente, por tradição e organização. É uma constante o desconhecimento do verdadeiro sentido de Igreja e palavra de Deus. Há fraca consciência evangélica nos lares, ensino precário nas comunidades e cultos freqüentemente apenas esporádicos. Tudo isso impossibilita um confronto significativo de vastas áreas de comunidades de nossa igreja com o Evangelho de Jesus Cristo. A consequência é uma subnutrição quanto a palavra de Deus, Igreja, Reino de Deus. A grave limitação de conhecimentos e a deficiência de espiritualidade e comunhão acarretam uma base muito frágil para posicionamento e opção pessoais. Grande parte das comunidades e de seus membros se apóiam sobre a tradição, a estrutura, a conveniência pessoal, a compreensão mágica dos sacramentos e, até mesmo, uma visão hierárquica do pastorado. Raramente a base é o

Evangelho e uma fé viva. É impossível esperar de uma tal comunidade uma vivência cristã consciente e responsável. A lei seria um constante substitutivo do evangelho.

Nessa situação, muitos anseiam por uma nova evangelização: oportunidades de ouvir a palavra libertadora de Deus, refletir e dialogar sobre ela, experimentá-la e vivê-la. Num desafio à nossa criatividade, as formas de evangelização hão de ser tão variadas quanto o são as situações e o contexto em que vivem as nossas comunidades (I Co 9,20-22).

3. Nossa Realidade

A vivência cristã e o fazer teológico precisam corresponder a desafios concretos e particulares, quais sejam, entre outros, a ansiedade, a angústia, o sentimento de culpa e o problema da morte. Inserem-se, porém, num quadro mais geral da realidade, que pretendemos esboçar nesta parte. Primeiramente, tentamos desvendar, a partir da Bíblia, a raiz da divisão da humanidade, para então mencionarmos alguns problemas específicos.

3.1 A humanidade dividida

No Novo Testamento, particularmente em Paulo, encontramos a designação de “carne” para a realidade humana, já caracterizada pelo pecado, pela fraqueza e pela transitoriedade (Rm 8,13; Gl 5,17). O apóstolo Paulo lhe contrapõe a realidade do “espírito”, que caracteriza uma vida libertada pelo evento salvífico de Cristo e orientada por seu amor (Rm 8,4; Gl 5,25). Assim a realidade é marcada simultaneamente pelo pecado e pelo propósito universal de salvação divina. Essa dupla perspectiva da realidade nos dá a coragem de encará-la sem ilusões, mas também sem medo. Divisamos a profundidade do mal e contudo vivemos na esperança.

Já na história de Caim e Abel (Gn 4) encontramos um relato paradigmático para a compreensão da história humana. Caim, que deveria viver em paz, igualdade e cooperação com seu irmão Abel, deixa-se tomar pela inveja e, fazendo uso da violência, o mata. A história dos seres humanos está repleta de rupturas da fraternidade. Citamos, a título de exemplo, a ganância e o desrespeito à pessoa humana, a competitividade e a discriminação, a violência e a opressão. Trata-se de um afã de dominação que se manifesta não somente no nível da violência física e interpessoal, mas também na expressão de culturas e sistemas dominadores.

A evolução dos últimos séculos caracterizou-se pelo desenvolvimento da técnica e pela explosão industrial, bem como pela expansão colonialista do mundo ocidental, sobrepondo-se às demais culturas. Transformando-nos, de um lado, em uma humanidade, que enfrenta um destino comum e se encontra ameaçada em sua própria sobrevivência. De outra parte, esta mesma humanidade está dividida em algumas nações e setores desenvolvidos contrapostos a uma maioria de nações e setores subdesenvolvidos, num complexo emaranhado de interesses, dependências e dominações.

3.2 Problemas específicos

A nível universal divisamos como altamente cruciais e ameaçadores o desequilíbrio ecológico, a corrida armamentista e os desníveis econômicos. Sabemos também que todos os três aspectos estão profundamente inter-relacionados, resultando em fome e miséria, guerras e revoluções, bem como dilapidação do espaço vital. Tal realidade atenta contra a dignidade da vida, destrói a igualdade e a justiça entre os seres humanos e os povos, ameaçando a própria sobrevivência da humanidade. Por isso tais questões devem ter alta prioridade na reflexão teológica e na vivência da comunidade cristã. Assumimos a preocupação como criaturas humanas que se sabem responsáveis pelo conjunto da criação. Como cristãos, aprofundamos, diante da universalidade dos problemas, a nossa consciência da universalidade da igreja.

A realidade latino-americana é o horizonte mais precioso do nosso fazer teológico. Refletem-se aqui de modo acentuado as relações de dominação e de dependência que crescentemente polarizam a convivência dos povos. A América Latina faz parte do Terceiro Mundo. É importante compreendermos a luta pela libertação deste continente como parte integrante da luta de todos os povos do Terceiro Mundo. De outra parte, o processo de colonização do continente latino-americano levou a uma supressão quase total das civilizações autóctones, que em muitos países de nosso continente são hoje tragicamente irrecuperáveis. Assim, também a nossa cultura e os nossos valores são de caráter ocidental, com cunho latino e um profundo influxo cristão católico.

Neste contexto, tem-se desenvolvido a chamada teologia da libertação, que procura refletir de modo particular a relevância do Evangelho para o continente latino-americano.

A realidade brasileira insere-se no quadro geral do continente latino-americano. Contudo, é necessário divisar também as características específicas da situação brasileira, como contexto mais restrito para nosso fazer teológico. O processo de colonização do Brasil foi particularmente espoliativo, os indígenas foram praticamente exterminados e a

escravatura dos negros só cessou quase ao final do século passado. Ainda hoje a realidade brasileira é simultaneamente marcada por certas influências culturais e religiosas de herança africana, um processo de miscigenação racial e também discriminação racial disfarçada. As relações entre os sexos são marcadas por um machismo que concede amplas liberdades ao homem e relega a mulher a uma situação de inferioridade e dependência.

No campo religioso, além do catolicismo predominante e do protestantismo de imigração ou missão, os cultos afro-brasileiros, o kardecismo e outras formas de espiritismo moderno, bem como a ênfase pneumática dos movimentos pentecostais apresentam um quadro multifacetado e revelam características importantes para quem pretende proclamar a palavra libertadora de Deus em termos condizentes ao brasileiro.

Inserida nessa realidade, a existência humana é sujeita à extrema alienação. Inúmeras pessoas vivem desagregadas, sem divisar sentido na vida, sofrendo desajustes e problemas psíquicos, de relacionamento e comunicação com seu próximo. A família é particularmente ameaçada em sua unidade, a infância é desprotegida e o problema do menor abandonado atinge níveis incontroláveis. O processo de desenvolvimento econômico tem mantido o operário em condições de semi-escravatura. Seu ordenado mal chega para a sobrevivência, enquanto que seu trabalho alimenta o assim chamado progresso. A crescente concentração de renda se faz sentir agudamente também no campo, em que minifundiários não conseguem sobreviver, mas são forçados a migrar para cidades ou outras regiões. Índios e posseiros são desalojados das terras em que vivem e trabalham e jogados cada vez mais para a marginalidade. Censura, prisão, tortura e seqüestros têm atingido e silenciado muitos dos que ousam falar por aqueles que não têm voz. Os meios de comunicação têm deformado as consciências, a tal ponto que inúmeros seres humanos passam pelo mundo, sem vulto, sem voz e sem participação no traçar de sua história.

Em toda parte, porém – em comunidades eclesiais de base, em sindicatos, em associações representativas de classe, em movimentos populares, em expressões culturais – têm-se registrado manifestações e exercícios da vontade de participar na organização da vida comum e no estabelecimento dos objetivos da realização do povo brasileiro.

Em face a esses anseios profundos faz-se urgente a total normalização política, que visa ao pleno estado de direito, especificamente ao estabelecimento do “habeas corpus”, à integral observância dos direitos humanos, ao fim do arbítrio e à anistia dos atingidos pelos atos de exceção, garantindo o princípio democrático de independência dos três poderes, bem como a participação do povo em seu destino

histórico, tanto através de suas organizações classistas e partidárias quanto através da eleição direta e livre dos seus govenantes.

3.3 A IECLB e sua Faculdade de Teologia

A nossa igreja, a IECLB, faz parte da realidade em que vivemos, e dentro dela tem a incumbência de viver a boa nova, de libertação e confessar a Cristo. Deste Ihe advém a força para atuar. Encontramos nela possibilidades e esforços de encarnar o amor de Cristo na situação atual. Agradecemos a liberdade que nela há para reflexões críticas e experiências renovadoras. Descobrimos nela uma busca de identidade eclesial que não nega a herança religiosa e cultural, mas procura seu significado para o nosso povo de hoje e de amanhã, ressaltando a contribuição específica da tradição luterana no contexto latino-americano.

Vemos, porém, ao mesmo tempo que as estruturas eclesiais, em muitos aspectos, não são consentâneos com a palavra libertadora que a nossa igreja vem proclamando. A IECLB existe, na consciência de seus membros, como estrutura administrativa, mas não como unidade espiritual. A comunicação entre os órgãos administrativos e as comunidades é deficiente, impedindo, muitas vezes, que os anseios e as convicções dos membros repercutam na cúpula. O procedimento financeiro, nem sempre orientado em metas e necessidades, de que os membros compartilham, suscita severas críticas. Por muitos, a igreja é sentida como um crescente peso financeiro, afastada da realidade do povo e omissa nas questões cruciais da nação. Observamos, também, que a vivência cristã em muitas das nossas comunidades é estagnada, tradicional, resumindo-se num mero atendimento religioso. Ao mesmo tempo, diversas orientações teológicas bem como movimentos de comunidades e de leigos, procuram dinamizar e renovar a igreja. Isso é motivo de gratidão, mas também pode corporificar interesses e valores particulares, representando uma ameaça à unidade eclesial. O valo crescente entre correntes teológicas, entre ricos e pobres, entre comunidades abastadas e comunidades em pauperização, rurais e urbanas acrescenta novas tensões e desconfianças ao nosso contexto eclesial.

Na Faculdade de Teologia esforçamo-nos em fazer jus à realidade sob os aspectos mencionados. Empenhamo-nos em auscultar a palavra libertadora de Cristo e em estabelecer relações fraternas entre nós. Procuramos exercer uma atitude crítica, uma abertura para as tranformações necessárias dentro e fora dela. Vemo-la inserida no processo da ação libertadora de Deus. Ao mesmo tempo, porém, ela faz parte da estrutura defeituosa da nossa igreja, tem dificuldades em distinguir tradições legítimas de dependências asfixiantes e sente como muito duro o caminho das renovações pedagógicas e administrativas

em seu próprio meio. Fato é que ela é freqüentemente sentida como desligada da realidade, afastada das comunidades, como inibidora e limitadora. Às vezes, cedemos à tentação de fugir da realidade, para nos encerrarmos em nossos interesses acadêmicos ou em nossos pensamentos edificantes. Por outro lado, pressionados pela situação de nossa realidade ou do trabalho prático no pastorado, caímos em um imediatismo pragmático onde é negligenciada a reflexão. Ou então assumimos uma atitude dualista, de antagonismo fundamental entre Evangelho e mundo. Mas experimentamos também que o amor de Deus, encarnado neste mundo em Jesus Cristo, nos impulsiona (II Co 5,14) sempre de novo a ir ao encontro do homem, das comunidades e do povo.

4. NOSSO COMPROMISSO

Creemos que a proclamação e a vivência do Evangelho de Cristo trazem consigo arrependimento e nova vida, com novas atitudes e experiências, novos valores e comportamentos. (Mc 1,15; 10,42-45). Essa nova vida é verdadeiramente humana, transforma as relações entre pessoas e muda sistemas e estruturas opressivas (Lc 19,8s; Mc 2,27). Manifesta-se no testemunhar, viver e servir dentro de um mundo que parece correr para a morte e em meio a uma realidade de conflitos de toda ordem: sociais, raciais, culturais, ideológicos e outros (Rm 12,1s; Gl 13,28).

4.1 O cristão como discípulo

O cristão como discípulo, dentro de seu âmbito familiar, profissional e social, procura testemunhar e realizar, em vivência e serviço, a vida plena recebida de Cristo. Freqüentemente a realidade lhe é adversa, confronta-se com problemas familiares pesados, as relações de trabalho são técnicas e impessoais e os valores e comportamentos da sociedade o induzem a práticas, das quais gostaria de se libertar. Também em seu íntimo o ser humano, mesmo o cristão, encontra o pecado, a dúvida, o desespero e o medo.

Em meio a essa realidade e apesar dela, confiando na dádiva do amor de Cristo, o cristão como discípulo se propõe a:

- anunciar em palavra e ação o amor de Deus em Cristo;
- conviver com seus semelhantes mais próximos em compreensão, aceitação, perdão e diálogo;
- solidarizar-se com aqueles que sofrem e engajar-se na superação das causas do sofrimento, optando por um estilo de vida em comunhão com os mais fracos;
- favorecer a participação integral de todos na vida pessoal e social, transformando situações de injustiças e criando estruturas que

proporcionem a todos os direitos humanos de trabalho, saúde, habitação, alimentação, educação e lazer.

Hoje, a proclamação da igreja se divide frequentemente em apelo à conversão pessoal a Cristo pelo testemunho oral do Evangelho, de um lado, e na opção pela pobreza para participação no processo de libertação dos oprimidos e marginalizados, de outro. Perguntamo-nos se em resposta de fé ao Evangelho, ambos os aspectos não se condicionam mutuamente. De qualquer modo, opções devem ser feitas, mesmo sabendo do risco de até elas mesmas serem expressão ou até justificação de posições, convicções e interesses pessoais e sociais já assumidos à parte do Evangelho. O cristão como discípulo experimenta, precisamente quando deseja ser fiel ao Evangelho, suas permanentes incapacidades, fracassos e egoísmos, necessitando de constante arrendimento. Contudo, também Ihe é dada a alegria e o conforto de divisar em seu meio mudanças de vida, situações de apoio, relações de fraternidade e comunhão de fé, esperança e amor.

4.2 A comunidade cristã e a IECLB

A comunidade local e a IECLB, dentro de seu âmbito social, procuram testemunhar e realizar, em vivência e serviço, a vida plena recebida de Cristo. Elas encontram chances, mas também entraves em sua herança cultural e étnica, em sua tradição e mentalidade clubística, em sua estratificação social e em sua ética de trabalho. A fé evangélica tem sido mantida e transmitida através de gerações, mas registra-se uma grande dificuldade de renovação interior, bem como uma forte resistência em assumir a tarefa missionária e profética no contexto brasileiro. À medida em que o processo de integração na sociedade brasileira se efetua, sofre ela a evasão de seus membros pertencentes à intelectualidade e sobretudo às classes pobres, que não conseguem mais se identificar com sua igreja.

Em meio a essa realidade e apesar dela, confiando na dádiva do amor de Cristo, entendemos ser tarefa das comunidades locais e da IECLB:

- anunciar em palavra e ação o amor de Deus em Cristo;
- propiciar a seus membros condições de reflexão e vivência de sua fé, assim promovendo a vida espiritual e verdadeiramente humana;
- criar lugares e formas de comunhão e culto que fortaleçam a disposição e a capacidade de assumir a responsabilidade missionária e profética;
- organizar, em seu meio, estruturas condizentes com o Evangelho, propiciando participação igual para todos, contribuições justas e desenvolvimento humano;

- intensificar e tornar mais efetiva sua participação no movimento ecumênico, na procura e manifestação da unidade da cristandade;

- propugnar nos organismos, a que estão afiliadas, pela igualdade das igrejas e por um intercâmbio íntegro que supere relações de dependência e tutela;

- cooperar na estruturação da sociedade, insistindo em decisões que possibilitem a vida, e denunciando abusos de poder ou outras condições, que, dentro e fora da igreja, impedem a realização da vida;

- defender os marginalizados e oprimidos, auxiliando-os a manifestarem seus anseios e empenhando-se por mitigar o sofrimento existente nas situações injustas atuais.

Cada comunidade, bem como a instituição da igreja, inclusive seus órgãos diretivos, deve reavaliar periodicamente as suas estruturas e formas de trabalho. Não de reconhecer que muitas vezes têm-se apegado aos valores de sua auto-manutenção, em vez do serviço aos seres humanos. Muitas vezes suas próprias estruturas obstruem a confissão, a comunhão e o serviço a que estão convocados, não sendo produto legítimo do Evangelho. Contudo, não de encontrar também sempre de novo a autêntica possibilidade de, a partir de Cristo, apoiar e orientar a confissão, a comunhão e o serviço que o próprio Evangelho evoca entre nós.

4.3 A Faculdade de Teologia da IECLB

A Faculdade de Teologia da IECLB, no seu âmbito eclesial e social, procura testemunhar e realizar, em vivência e serviço, a vida plena recebida de Cristo. Em sua reflexão e atuação ela se debate com as perguntas pela presença de Deus, a vida de Cristo e os frutos do Espírito. Também ela é assaltada por dúvidas e pela dificuldade de divisar nas situações concretas a vontade de Deus. Enfraquecem-se os elos de vinculação com as comunidades e um academicismo abstraído da práxis eclesial e do povo, bem como, por outro lado, um imediatismo pragmático, são uma tentação permanente.

Em meio a essa realidade e apesar dela, confiando na dádiva do amor de Cristo, a Faculdade de Teologia, em sua incumbência de formação de teólogos e obreiros para o ministério da igreja, se propõe a:

- refletir os acontecimentos atuais à luz da palavra de Deus, tentando buscar modelos e caminhos para o futuro e apoiando o diálogo entre as comunidades, igrejas e entidades sociais;

- levar uma vida comunitária em fé, meditação reflexão crítica e convivência fraterna;

- promover, na aprendizagem, uma inter-relação entre o estudo teórico e a prática eclesial;
- desempenhar seu serviço na IECLB, em fidelidade ao chamado do Evangelho e em solidariedade com o mundo sofrido;
- motivar e orientar professores e estudantes para serem, em suas atividades e como pastores das comunidades da IECLB, agentes de serviço, dispostos a compartilhar a dor dos que sofrem, conviver em agrura e esperança com o povo, defender os injustiçados, denunciar o mal e promover a fraternidade.

Na realização desse propósito, cabe à Faculdade de Teologia reconhecer quão longe se encontra de sua verdadeira efetivação. Muitas vezes nossa vida comunitária é quebrada por interesses particulares, a comunhão de aprendizado entre professores e estudantes se frustra, ficamos presos a nossos cargos e benefícios. Correntes teológicas conflituam e quebramos o diálogo, absolutizando nossas posições. Por isso é importante que a própria teologia se submeta à crítica da palavra de Deus, a fim de que, passando por um permanente processo de arrependimento, seja sempre de novo libertada de si mesma. Assim, finalmente, cremos poder divisar também entre nós e entre aqueles que saem de nossa faculdade um processo de confronto com a palavra libertadora de Deus, de conscientização de nossa realidade, bem como de esforços, gestos e passos no caminho do discipulado de Cristo.